Jun/2020

HISTÓRIA E CULTURA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA CRÍTICA NIETZSCHIANA

Mauricio Bueno da Rosa
mauriciobueno7@hotmail.com
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina
Grupo de pesquisa HERMENÊUTICA DA CULTURA, MUNDO E EDUCAÇÃO - UFSC

Resumo

Para Nietzsche a história é necessária na medida em que está a serviço da vida. O filósofo se ocupa da história da cultura e lhe dá um grande valor. O seu ideal cultural está fundamentado nessa história, principalmente da cultura grega. Além da sua posição a respeito da Grécia, devemos também tratar da posição de Nietzsche quanto à cultura Romana e a Alemanha do seu tempo. Nietzsche também critica a cultura alemã, na qual ele está inserido. Para ele, esta cultura não era uma cultura vital, nem uma criação genuína e original como também não teve qualquer unidade artística. O filósofo alemão entende que a vida deve dominar o conhecimento, pois a vida é o mais auto poder dominador, porque o conhecimento que aniquilasse a vida, aniquilar-se-ia também a si. O primeiro passo, no ideal de Nietzsche, consiste em destruir tudo aquilo que se tem por cultura. Essa cultura deve ser abalada até aos alicerces. A cultura deve produzir sempre um homem mais elevado, com isso, podemos afirmar que Nietzsche desejava uma cultura mais elevada que aquela onde ele estava inserido. A cultura seria o pleno desenvolvimento das capacidades do homem rumo a uma civilização mais profunda e mais digna.

Palavras-chave: Nietzsche. Cultura. História. Conhecimento. Tragédia.

Abstract

For Nietzsche, history is necessary to the extent that it is in the service of life. The philosopher is very concerned with the history of culture and gives great value. Its cultural ideal is based on this history, mainly in Greek culture. In addition to his position of respect for Greece, he must also address Nietzsche's position on Roman culture and the Germany of his time. Nietzsche also criticizes German culture, in which he is inserted. For him, this culture was not a vital culture, nor a genuine and original creation as it also had no artistic unity. The German philosopher understands that life must dominate knowledge, because life is or the most dominating power, because the knowledge that annihilates life, would also annihilate itself. The first step, which is not ideal for Nietzsche, is to destroy everything we have for culture. This culture must be shaken to the markets. A culture must always produce a taller man, with that, it can indicate that Nietzsche wanted a higher culture than the one where he was inserted. A serious culture or full development of the people who execute a man is a more profound and dignified civilization.

Keywords: Nietzsche. Culture. History. Knowledge. Tragedy

Neste estudo pretendemos compreender o sentido da noção de história para Nietzsche e como isso se relaciona com a noção de história da cultura, conceitos fundamentais na obra do filósofo alemão, pois este afirma que o ponto de vista histórico é necessário à saúde de um indivíduo, de um povo, de uma civilização. A história deve proporcionar um remédio contra a resignação e dilatar o conceito de homem e realizá-lo com mais beleza. No entanto Alves (2011, p. 11) nos alerta para o fato do termo história mesmo sendo utilizado com frequência por Nietzsche não possui por parte do autor, uma conceitualização clara, o que suscita variadas interpretações neste sentido, afinal, a história é um termo polissêmico no pensamento de Nietzsche. Dito isso é preciso atentar para o fato de a história é necessária na medida em que está a serviço da vida. Ela deve colaborar com o embelezamento da vida:

> (...) o conhecimento do passado só é desejável quando se põe a serviço do passado e do presente, e não quando enfraquece o presente e arranca os germes vivos do futuro (...) o excesso de estudos históricos enfraqueceu a força, plástica da vida, tornando-a incapaz de se servir do passado como de um alimento substancial (...) a constelação se transformou realmente, e isso por meio da ciência pela pretensão de fazer da história uma ciência. E assim não é mais a vida que domina o conhecimento e o passado (...)(NIETZSCHE apud MANN, 1965, p. 101).

Essa é a denúncia de Nietzsche, ao mesmo tempo em que ele mostra a sua vontade a respeito da história. O filósofo se ocupa muito da história da cultura e lhe dá um grande valor. O seu ideal cultural está fundamentado nessa história, principalmente da cultura grega. Geralmente, o século V a.c. é considerado o auge dessa cultura. Porém, Nietzsche considera o século VI a.c. como o período áureo dessa cultura, período do seu apogeu pelo fato de ser nessa época que surgiram grandes homens sendo que isso satisfaz um dos requisitos da verdadeira cultura, ou seja, a produção do gênio, do homem superior. Segundo Nietzsche:

> Qualquer nação sente-se envergonhada, quando lhe apresentam uma plêiade de filósofos tão admiravelmente idealizada como a dos primitivos mestres gregos: Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, Demócrito e Sócrates. Todos esses homens são íntegros, completos, pouco comunicativos e talhados dum só bloco. Há, entre a sua maneira de pensar e o seu caráter, uma severa coação. São homens que não vivem amarrados a qualquer convenção, porque nesse tempo não havia classe alguma profissional de filósofos e sábios. Considerados assim juntos, foram aquilo que Schopenhauer, em oposição à República dos Sábios, chamou a República dos Gênios. Um gigante chamou outro através de áridos intervalos das idades e, sem se deixarem perturbar por uma desvairada e barulhenta raça de anões que pululam à sua volta o sublime intercâmbio dos espíritos continua (NIETZSCHE apud COPLESTON, 1972, p. 91).

Notamos claramente que esses filósofos são, acima de tudo, homens e não apenas sábios. Outro ponto a ser ressaltado é que eles não estão preocupados com o transcendente. Sua preocupação é com a vida cotidiana, com os problemas da vida, olham o mundo como ele é e não estão ligados a uma moral idealista. São homens essencialmente honestos.

Se o período dos pré-socráticos é o auge da cultura grega, com Sócrates e Platão o panorama é mudado e isso ocorre por um motivo muito simples: agora o ideal já não é mais o espírito livre, o homem nobre e sim o dialético (CAVALCANTI, 2012, p. 30). Sócrates introduziu o espírito dialético, que significava a revolta da razão contra o instinto. Essa Grécia posterior é a idade da razão, da democracia e da dialética. O conceito é divinizado e apresentado por Platão como o novo ideal.

Nietzsche vai além e a sua objeção central contra Sócrates e Platão é a seguinte:

> A noção que estes filósofos têm de uma moral absoluta. Negando o ideal aristocrático do instinto e a relatividade da moral, estabelecem, como conceitos estáveis, padrões absolutos do bem e do mal. Ensinam a imortalidade da alma, a doutrina do além e a negação dos sentidos; voltam as costas ao mundo e preparam o caminho para o cristianismo (...) considerando o prazer do domínio como imoral, não tiveram a coragem necessária para identificar a felicidade como a vontade de domínio, ou para considerar a virtude como uma consequência da imoralidade, isto é, da mesma vontade de domínio (NIETZSCHE apud COPLESTON, 1972, p. 101).

Para Nietzsche, toda essa nova visão e concepção de mundo e da vida reflete-se na tragédia. Ésquilo é a representação máxima da tragédia e o seu último suspiro. Seu lugar é ocupado pela dialética moralizadora de Sócrates e por um racionalismo otimista. Para Nietzsche, os gregos primitivos tinham o sentimento de que a vida é terrível, inexplicável e perigosa, de que o homem vive cercado de forças hostis e de que o otimismo é uma ilusão (CAVALCANTI, 2012, p. 32).

A partir desse pessimismo pode-se destacar dois aspectos, primeiramente criar um mundo de sonhos, otimista: este é o caminho apolíneo e posteriormente aceitar e enfrentar a natureza real do mundo, dizer-lhe sim e seguir o caminho dionisíaco. A cultura apolínea está representada na religião do Olimpo. A vida dionisíaca está, pelo contrário, fundamentada na afirmação da própria vida:

> A atitude dionisíaca não deixa de reconhecer o sofrimento da existência, pois, pelo contrário, a visão do caráter real do mundo é um fundamento essencial de tal atitude (...) a atitude dionisíaca reconhece o caráter da vida, não-teológico e ateu; mas, em vez de se afastar da vida para cair num pessimismo desesperado, aceita essa mesma vida; diz sim a vida (...) e diz sim ao Eterno Retorno de todas as coisas (...)(NIETZSCHE apud MANN, 1965, p. 105).

Portanto, o pensamento central da atitude dionisíaca é a plena aceitação da vida

tal como ela é. O homem dionisíaco transborda vitalidade, é uma criatura rica que afirma a vida assim como ela é, afirma-a como a Vontade de Domínio e também afirma o Eterno Retorno. Por isso, o grande papel e a grande importância da tragédia grega.

Devemos, pois destacar em relação a análise de Nietzsche que o caráter dionisíaco da cultura grega no seu período áureo, ou seja, o século VI a.c. é o período onde o homem aceita a vida assim como ela é, não se ligando a nada de transcendente ou a ilusões, mas aceitando plenamente a vida, além disso, a introdução da dialética, a preparação para o cristianismo e a negação dos sentidos são o início da decadência da verdadeira cultura grega (CAVALCANTI, 2012, p. 32). Um outro elemento de destaque é a questão do Estado grego, pois os políticos foram, segundo Nietzsche, a ruína da Grécia. A falência política da Grécia é a maior falência da cultura, porque ela deu origem à atroz teoria de que a cultura não pode ser continuada, a não ser que estejamos armados até aos dentes.

Além da sua posição a respeito da Grécia, devemos também tratar da posição de Nietzsche quanto à cultura Romana e a Alemanha do seu tempo. Nietzsche não tinha para com Roma o mesmo sentimento que tinha pela Grécia. Porém, via nos romanos alguns pontos positivos. Para ele, Grécia e Roma se completam mutuamente, Apesar dos romanos sempre se adornarem com aquilo que pegavam dos outros, isto é, tinham uma cultura eclética e nada original, Nietzsche exalta-os como fortes e aristocratas, nunca existiu no mundo uma nação mais forte e mais aristocrata, nem nunca se sonhou com ela. Exalta também o estilo romano:

> (...) não se pode aprender com os gregos - o seu estilo é demasiadamente estranho e é também demasiadamente fluido para ser imperativo ou para ter o efeito de um clássico. Quem alguma vez aprendeu a escrever com um grego? Quem alguma vez aprendeu sem os romanos? (NIETZSCHE apud COPLESTON, 1972, p. 107).

Porém, o estado romano também caiu e foi destruído. Mas não foi pelos políticos e sim especialmente pelo cristianismo. Os cristãos enfraqueceram o sentimento da vida, impuseram uma religião de outro mundo, pregaram um ascetismo e uma moral que tira toda a força e vigor da vida. A cultura erudita que havia sido preparada pelos gregos e romanos ruiu. Nietzsche desprezou também todo o lado negro da civilização romana e a doença que a corroia interiormente, isto é, toda a sua corrupção interna.

Nietzsche também critica a cultura alemã, na qual ele está inserido. Para ele, esta cultura não era uma cultura vital, nem uma criação genuína e original como também não teve qualquer unidade artística. Foi, ao

contrário, a mistura de diversos estilos e manteve sempre a sua dependência de Paris.

> Acredito apenas na cultura francesa e considero um equívoco o mais que na Europa se denomina a si próprio 'cultura'. Ainda não tomei a espécie alemã em consideração (...) os poucos exemplos de alta cultura que tenho encontrado na Alemanha são todos de origem francesa (...).(NIETZSCHE apud MANN, 1965, p. 113).

Para Nietzsche, a cultura francesa é superior por três aspectos básicos:

> (...) em primeiro lugar, a capacidade para a emoção artística, para a devoção pela forma (...) em segundo lugar, a sua cultura, antiga, de múltiplos aspectos e moralista, em virtude da qual vamos encontrar (...) uma sensibilidade psicológica e uma curiosidade de que se não tem qualquer concepção na Alemanha; em terceiro lugar, há no caráter dos franceses, de norte a sul, um equilibrado o bem sucedido poder de síntese, que os faz compreender muitas coisas e lhes impõe muitas outras que um Inglês nunca pode compreender. (NIETZSCHE apud MANN, 1965, p. 115).

Podemos perceber que para Nietzsche a verdadeira cultura é aquela onde a vida é vivida plenamente, isto é, é aceita tal como ela é. Além disso, a cultura não é apenas o conteúdo, mas sim uma união necessária do conhecimento com a vida. A verdadeira cultura, além do conhecimento, possui outro elemento essencial, ou seja, o autodomínio, a vida. É exatamente isso que Nietzsche critica na cultura alemã, a saber, nela havia apenas o conteúdo, mas não possuía a forma (ALVES, 2011, p. 11).

Nietzsche entende que a vida deve dominar o conhecimento, pois a vida é o mais auto poder dominador, porque o conhecimento que aniquilasse a vida, aniquilar-se-ia também a si. O conhecimento pressupõe a vida. O conhecimento deve, acima de tudo, auxiliar a vida. Portanto, a cultura significa um processo de vida, natural, original, criador e genuíno, e não um conjunto de conhecimentos históricos (COPLESTON, 1972, p. 121).

O primeiro passo, no ideal de Nietzsche, consiste em destruir tudo aquilo que se tem por cultura. Essa cultura deve ser abalada até aos alicerces. Tudo o que se tem por valor e por bom, deve ser destruído para que se criem posteriormente novos homens e não simples sombras da humanidade. Neste sentido, Nietzsche também critica a história. Ela não deve ater o homem ao pré-estabelecido. Deve, ao contrário, ser um meio para a continuação da vida, que é sempre devir, criação, o novo (ALVES, 2011, p. 11).

Após essa destruição da pseudo-cultura, deve-se construir, e esta é o segundo passo, a nova cultura que não pode ser criada apenas em função de treinar jovens para que se tornem úteis para o Estado e sejam escravos desse mesmo Estado.

A cultura deve produzir sempre um homem mais elevado, mais refinado, mais sábio onde a vida seja vivida plenamente, seja desenvolvida a desejada. Há, sem dúvida, na cultura, homens mais desenvolvidos ou com talentos artísticos mais desenvolvidos e é necessário que existam, pois a cultura não deve produzir apenas homens em igual nível ou apenas homens úteis aos fins do próprio Estado. Os homens de gênio é que fazem com que a cultura progrida largamente, pois segundo Nietzsche, para que a cultura se desenvolva, são necessários novos gênios, talentos originais, e a cultura, em certo sentido contemporâneo, tem como função tornar possível o desenvolvimento e a frutuosa germinação desses homens notáveis, e não estrangulá-los ou entravá-los, arrastando-os muitas vezes para o desanimo e, até, para o desespero.

Por fim, a partir do que foi exposto podemos afirmar que Nietzsche desejava uma cultura mais elevada que aquela onde ele estava inserido. A cultura seria o pleno desenvolvimento das capacidades do homem rumo a uma civilização mais prufunda e mais digna.

HARVARD Dataverse

REFERÊNCIAS

ALVES, Frederick G. **O conceito de *história* em Nietzsche: da metafísica de artistas à Gaia ciência (1869-1882).** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

CAVALCANTI, Anna Hartmann. **Nietzsche e a História**. Disponivel em http://www.oquenosfaz pensar. com/dm/uploads/artigo/nietzche_e_a_historia/n 1an na.pdf> em Março de 2017.

COPLESTON, Frederick S. J. **Nietzsche, filósofo da cultura**. Porto: Livraria Tavares Martins. 1972.

MANN, Heinrich. **O pensamento vivo de Nietzsche**. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1955.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** São Paulo: Companhia das Letras. 1992.